

# ***O Conto na Obra de Henrique de Senna Fernandes***

*Celina Veiga de Oliveira\**

## **I. Introdução**

O *corpus* literário senniano é composto pelos romances *Amor e Dedinhos de Pé* e *A França Feiticeira* e por dois livros de contos, *Nam Van - Contos de Macau* e *Mong Há*, ambos com títulos que aludem intencionalmente a espaços que fazem parte do imaginário macaense. Nam Van é a Praia Grande, a orla da suave baía em meia-lua – agora muito desfigurada – que, durante séculos, foi musa de pintores e de escritores; Mong Há é uma vasta área da cidade que, nos anos de infância do escritor, era *uma planura recortada de hortas e várzeas de arrozal, com um lago de água límpida e quadros de vida rural chineses, apenas chamuscada por humildes povoações e esparsas casas de campo.*

Neste texto vamos analisar os livros de contos, por considerarmos que Henrique de Senna Fernandes é um exímio contador de histórias, que cativa a atenção e desperta no leitor curiosidade pelo que vai suceder aos protagonistas da acção.

O conto, o “romance breve”, como lhe chamou Italo Calvino, caracteriza-se por uma dimensão económica da narrativa. É um registo que tanto pode nascer da estrita criatividade do escritor, como da ficcionalização de um acontecimento por si vivido, de uma história que lhe foi contada, ou simplesmente da tradição oral. Neste último caso, há um desenrolar de uma situação ligada ao passado, que o autor reatualiza através da sua escrita, numa mistura entre realidade e ficção.

## **II. “Nam Van - Contos de Macau”**

Na “Nota de Abertura” à 2.<sup>a</sup> edição de *Nam Van - Contos de Macau*<sup>1</sup> (Instituto Cultural de Macau, 1977), Henrique de Senna Fernandes reconhece que o livro *levou tempo para se implantar, a sua trajectó-*

---

\* Historiadora e editora.

<sup>1</sup> Instituto Cultural de Macau, 1977.

*ria escorou desânimos, marcou uma fase da vida, selou uma vocação e tornou compensadoramente conhecido o escritor. Orgulho-me enternecidamente dele. Por isso, os seis contos que o constituem aparecem na íntegra, tal como os escrevi para aquela edição. Alterar uma linha que fosse induzir-me-ia, a pouco e pouco, a modificar o resto. Não seria justo nem correcto. Os contos foram concebidos e criados numa época distinta, com o estilo de escrita que se tinha então. Gostem ou não gostem, os leitores têm de aceitá-los com todas as suas qualidades e defeitos, tal como vieram à luz, pela primeira vez.*

Esta colectânea contém o conto “A-Chan, a tancareira”, Prémio Fialho de Almeida dos Jogos Florais da Queima das Fitas de 1950 da Universidade de Coimbra, o qual resistiu, por conseguinte, à avaliação do universo crítico português, realidade que contraria a opinião de quem, em conversa com o autor em Lisboa, na década de 90 do século passado, o advertia de que “dificilmente poderia ser considerado um escritor português”.

Analisemos então, sumariamente, algumas dessas histórias.

“A-Chan, a tancareira” relata a vida de uma chinesa, oriunda de uma paupérrima família do Sul da China, vendida em criança pelos pais, que termina nas mãos da Velha, uma tancareira que contava histórias do rio e do mar. O sustento das duas mulheres provinha do rio. E foi no rio, após a morte da Velha, e quando já era ela a dona do tancá, que em plena guerra encontrou o amor na pessoa de um português. Este homem, loiro, haveria de deixar Macau atormentado pelas saudades do mar, levando com ele o fruto desse amor proibido: a filha de ambos.

Em “Um encontro imprevisto”, o autor recorda um episódio do seu tempo de estudante de Coimbra, ocorrido numa viagem a Lisboa por alturas do Natal.

Exilados da família e da terra, *os estudantes de Macau, que iam por largos anos à Metrópole, não tinham possibilidade de rever os pais e o resto da família, senão depois da formatura e só quando se decidiam a retornar para a terra-natal.* Para fugir à saudade, mais presente em épocas tradicionalmente ligadas ao calor familiar, o autor vai passar a quadra natalícia a casa de uns amigos macaenses em S. João do Estoril e acaba por viver um acontecimento que prova a veracidade do ditado popular que afirma que “nem tudo o que reluz é ouro”.

Em “Chá com essência de cereja” conta a história de Maurício, um colega de escola, pobre e sem família, que aproveita a Guerra para se envolver em negócios pouco claros que o tornam rico. Enredado numa aventura com uma virgem da Rua da Felicidade, retém, no canto feliz das suas memórias, as saudades desses poucos dias em que vive, com a jovem chinesa Yao Man, uma aparência de matrimónio e de ambiente familiar. O segredo reside no banho que a jovem lhe prepara com *um chá perfumado, quentinho...uma delícia*, e nas massagens na nuca que faziam desaparecer, como por encanto, as fortes dores de cabeça a que era dado. O amor prevalece, apesar dos meandros da vida, e o conto acaba num *happy end*, como convém a dois seres que nasceram um para o outro.

Num registo memorialista, descreve-nos em “Uma pesca ao largo de Macau” a vida do conde de Senna Fernandes, seu avô, homem rico e patriarca de família numerosa, como era usual nas famílias abastadas de Macau. Um episódio ocorrido durante uma pesca ao largo do rio das Pérolas, só possível, como ele próprio diz, nos fins do século XIX, leva-o a socorrer um naufrago perseguido pelo barco da alfândega chinesa. Semanas depois, aparece-lhe na sua mansão da Praia Grande, à hora de jantar, um chinês sumptuosamente vestido de cabaia comprida de cerimónia, o rabicho *luzidio de óleo*, com um séquito de serviçais que lhe oferecem dois cestos repletos de provisões, uma travessa de prata com um peixe já cozinhado e que trazia, dentro da barriga, uma pulseira cravejada de brilhantes e pedras de jade. Era o naufrago, grato ao seu salvador, que mais não era do que um pirata e homem de vida dupla: *em Macau, um cidadão pacífico que vivia numa casa ajardinada da Praia do Manduco, no meio do carinho de duas concubinas, comerciante registado, com loja e tudo. Na terra-china, um fora-da-lei, cuja cabeça, posta a prémio, estava chorudamente alvissarada.*

“Candy” é a história de uma refugiada de guerra que se *acoitara* em Macau vinda de Hong Kong ocupada, esfomeada e pálida, com um pobre casaco que *mal a agasalhava*; no fundo, a história de tantas(os) refugiadas(os) para quem cada dia foi, nesses difíceis anos, uma luta pela sobrevivência. Candy, uma insinuante e ambiciosa mulher, pretendia casar-se com alguém que a libertasse da miséria e da dependência, o que veio a acontecer na pessoa de um inglês de Hong Kong. Para esse desiderato, virou costas ao amor. Rica e com uma família estruturada, nada a fazia esquecer, no entanto, a filha que vendera a um casal de chineses, produto do amor de juventude que vivera em Macau.

No conto “A desforra dum china-rico”, porventura aquele com maior carga de dramatismo, Henrique de Senna Fernandes alarga o espaço da acção, que tem início na cidade de Cantão, mas com desenvolvimentos em Xangai, Hong Kong e Macau.

O enredo incide no fracasso de um casamento, por vontade familiar, como era usual na China, entre um filho de um *china-rico*, um *self-made man* que subira a pulso na vida, e uma requintada, preconceituosa e arrogante jovem de uma família tradicional que ficara sem dinheiro. Perante o adultério da mulher com um actor, o marido prepara, com inteligência, frieza, calculismo e requinte de violência inaudita, a vingança, que vai atingir os dois amantes, contaminados pela lepra e condenados ao trágico destino do desterro no rio.

### III. “Mong Há”

*Mong-Há*<sup>2</sup> (ed. Instituto Cultural de Macau, 1998) é, por definição do autor, um livro de estórias em que se misturam recordações, experiências vividas e páginas de pura ficção.

Analisemos então algumas dessas estórias.

Em *Um conto de Natal*, o autor entrecruza a tradição de Santa Claus, o Pai Natal que o pai incutira através da sua educação inglesa, e a do Menino Jesus, em que crescerá Alberto, o protagonista da sua estória.

A mãe, *uma das raparigas mais lindas da terra*, filha de gente modesta, ficou órfã muito cedo e cedo se rendeu às juras de amor de um oficial de marinha, metropolitano, que a seduziu e abandonou quando ela apareceu grávida. Proscrita pela família e por uma sociedade preconceituosa e justiceira, a jovem mãe atirou-se à vida, aceitando ser costureira numa casa abastada. Alberto foi crescendo. Na escola infantil intuiu o anátema da sua condição quando, numa rixa entre meninos, ouve a acusação: Filho *trás-da-porta*...

O Natal, aqui descrito, ora mostra o cenário da procissão de presentes das ricas casas macaenses, ora o ambiente pobre do casebre de Alberto, sem esperança de receber a bicicleta dos seus sonhos.

Mas nesse ano, em vésperas do eclodir da “guerra”, haveria de se dar um milagre de Natal: o aparecimento do pai, com quem Alberto conhece o sabor da família reunida.

---

<sup>2</sup> Instituto Cultural de Macau, 1998.

“A minha primeira comunhão” é uma estória autobiográfica, que nos reporta ao ambiente católico da comunidade macaense dos anos 30 e nos faz sentir solidários com o terror reverencial dos dois irmãos Senna Fernandes, enviados a casa do padre Sarmento para aprender o catecismo. Homem robusto, atarracado e com fama de sábio, cheirando a alho, usando uma batina *de muitos dias por lavar e com um polvilho de caspa* pelos ombros, o padre revela-se, afinal, uma pessoa persuasiva e boa, com um jeito especial para contar histórias bíblicas. E o dia da primeira comunhão, uma espécie de acto iniciático para a entrada de jovens no percurso correcto da vida, acabou por ser, afinal, *um dos mais venturosos da sua vida*.

Em “Os bons fantasmas”, o autor conta o drama insólito ocorrido numa casa assombrada, arrendada pela família em 1942, após o desaire financeiro do pai com a queda da bolsa de Hong Kong, na sequência da Guerra do Pacífico. Com todos os ingredientes para um apelativo filme de suspense, a história relata acontecimentos estranhos, vozes, ruídos inexplicáveis, que ocorrem no rés-do-chão do prédio onde morava uma família chinesa, fugida à ocupação da China pelo Japão. A morte do patriarca chinês adensa o ambiente e origina medo que contagia praticamente todos os membros da família, com excepção do pai, céptico e pouco inclinado a acreditar em almas do outro mundo.

A continuação de bizarras situações levou a mãe a mandar rezar missas e a benzer a casa, enquanto a criada, alvitando *firmemente que os fantasmas da casa deviam ter sido chineses e budistas, como ela foi ao pagode do Patane, esportulou generosamente o óbulo pedido para os necessários ritos fúnebres, e queimou o dinheiro dos mortos para ser enviado para o Além*.

Como o próprio autor conclui, acreditem ou não, isto aconteceu.

O conto “Ódio velho não dorme” é uma trágica história de ódio de infância, originada por preconceitos de classe profundamente estigmatizantes. Com um intervalo temporal de décadas, a acção percorre os tempos de liceu em Macau, que acompanham os difíceis anos da Guerra do Pacífico, desaguando em Portugal antes e depois do 25 de Abril.

O fio condutor é dual: por um lado, exulta a amizade forjada nos bancos de escola e sempre afirmada ao longo do tempo; por outro, aproveita as reviravoltas da vida para vingar humilhações. Júlio é o protagonista principal, um jovem *franzino, pálido, pouco limpo, os olhos azuis descora-*

*dos, os cabelos loiros em cerda, uma dentuça penosamente irregular, marcada por uma camada amarela, a confirmar a falta de asseio,* filho único de um modesto casal metropolitano e alvo do desprezo de colegas filhos-família. Protegendo-o, sempre que pode, da sanha humilhante dos colegas, o autor torna-se seu amigo e o único que vai ao cais de embarque despedir-se dele e da família no regresso a Portugal. Muitos anos depois, encontra Júlio bem colocado na administração salazarista e casado com Virgínia, a bonita noiva de Fernando, um dos seus inimigos de estimação dos tempos de liceu.

Um desastre de automóvel em circunstâncias não esclarecidas, ocorrido já depois do 25 de Abril, pôs fim à vida dos três e ao plano de fuga de Virgínia e de Fernando.

O livro termina com “Yasmine”, porventura o conto que melhor responde ao cânone de narrativa com final surpreendente. A acção relata a história de John Bradley, um inglês que ia com regularidade participar na corrida do ACP no Grande Prémio de Macau. Bradley era um dos muitos europeus que se tinham fascinado pelo Oriente e que, depois de largas deambulações, se fixara em Hong Kong. Com uma amizade crescente entre os dois, o autor passou a ser visita da casa, conhecendo um dos gostos privados do inglês: a pintura. E foi aí que descobriu um quadro, *ainda em esboço, de uma mulher que devia ser muito linda, de olhos negros, profundos, de indizível melancolia, mas extraordinariamente belos.* Era indiana a musa de Bradley. Por Yasmine, ousou enfrentar a censura preconceituosa da sofisticada sociedade de Hong Kong, e organizou uma recepção para a apresentar. Depois de uma fuga planeada para Macau - e não concretizada - com o fito de a subtrair ao domínio de um indiano que a subjugava, Bradley teve de encarar a cruel realidade: Yasmine, o seu grande amor, desaparecera da sua vida. E foi o autor quem teve o privilégio de conhecer as razões do desaparecimento: *a formosíssima Yasmine, de olhos tristes e expressão melancólica, nascera desventuradamente homem.*

#### IV. Conclusão

1. Os contos ou a “estórias” de Henrique de Senna Fernandes, na sua grande maioria, podem aproximar-se, pela extensão e vivacidade de enredo, de uma outra forma narrativa: as novelas.

2. Tanto em *Nam Van* como em *Mong-Há*, o corpo central da narrativa é decorado, em muitos textos, por um conjunto de descrições laterais de grande valor histórico, porque fixam aspectos da cidade que ajudam a compor o ambiente social e político dos fins do século XIX, dos inícios do século XX, da guerra do Pacífico – o *leit-motiv* de quase todos os textos - e dos anos imediatamente subsequentes.
3. A linguagem usada é visual, pictórica, cinematográfica, que transporta o leitor para um tempo que já não é próximo, tempo que rola sem cessar, que passa inexoravelmente (“Imagens que passais pela retina dos meus olhos, por que não vos fixais?” – lamentava-se Camilo Pessanha), imagens de um Macau que já não se descortina, mas que enriquece aquela que a História nos concede.
4. Raras são as narrativas que ultrapassam temporalmente a Guerra do Pacífico. Entre elas: “Um encontro imprevisto” (*Nam Van*), passado em Portugal durante os seus tempos de estudante universitário; “Ódio velho não dorme” (*Mong-Há*), cuja acção se desenvolve entre os tempos de estudante até aos últimos anos do século XX.
5. Alguns textos são registos memorialistas, que nos dão a conhecer pormenores da ilustre família de Senna Fernandes e da vida do escritor desde os bancos da escola, com particular ênfase dos tempos difíceis da guerra do Pacífico. Outros são interessantes descrições de espaços e de ambientes da cidade que o tempo se encarregou de alterar ou apagar – caso de “Rua das Mariazinhas”, «Grémio Militar” e “Hotel Riviera”, valiosos contributos para a reconstituição histórica da cidade.
6. *Nam Van* – *Contos de Macau* e *Mong-Há* constituem um precioso legado de literatura lusófona, através do qual Macau pode ser sempre objecto de recriações, de revisitações e de certezas quanto ao valor que a literatura de inspiração macaense oferece como fonte de (re)conhecimento e de (re)encontros.

